



## Os Cangaceiros de Paulo Afonso e os sentidos do tempo

ISABELA MOURADIAN AMATUCCI\*

A Associação Folclórica dos Cangaceiros de Paulo Afonso foi criada em 1956 por um grupo de operários da Companhia Hidrelétrica do São Francisco (CHESF) que tinha gosto pelas histórias do cangaço, compartilhando-as uns com os outros nos intervalos de trabalho. A partir dessa data, o grupo de operários, oriundos de diversas localidades do Nordeste, começou a festejar a vida e a morte de Lampião no período do carnaval.

O presente trabalho constitui-se em um ensaio das possíveis formas de abordar as concepções temporais dentro do grupo folclórico Os Cangaceiros de Paulo Afonso. Não pretendemos chegar a análises conclusivas, o que intentamos é traçar paralelos entre o objeto de estudo e novos rumos bibliográficos. Para tanto, partiremos da descrição do grupo e da festa de carnaval, baseada nos cadernos de campo das viagens realizadas em fevereiro de 2016 e fevereiro de 2017.

A Associação Folclórica e Comunitária dos Cangaceiros de Paulo Afonso se divide em dois grupos. O maior – cerca de 60 pessoas – é o grupo dos cangaceiros. Cada um recebe o nome de algum cangaceiro que já existiu. Essa escolha não é aleatória, tampouco definida de acordo com características semelhantes entre a personagem e o intérprete, por assim dizer. Apenas alguns nomes são definidos de acordo com funções, tais como Lampião, Maria Bonita, Corisco e Dadá. Esses quatro cangaceiros e cangaceiras compõem o comando, que é quem efetivamente manda no bando durante o carnaval e na organização dele. Dadá era a companheira de Corisco, único cangaceiro do bando de Lampião a compor um bando próprio, por isso a importância de sua função dentro do grupo. O comando define quem será, por exemplo, a *elite do cangaço*<sup>1</sup> – aqueles que desempenham funções organizativas e ganham determinado poder de mando

---

1 Os termos em itálico referem-se às nomenclaturas dadas pelos membros da Associação dos Cangaceiros de Paulo Afonso.



perante os demais cangaceiros. Designam também quais cangaceiras servirão o almoço durante o carnaval, quem irá cuidar do trânsito e, portanto, ficará a frente do grupo durante o desfile. Outra seleção de nomes são daqueles que tocam na banda. A banda é composta por um sanfoneiro e três percussionistas (que tocam zabumba, tom tom – um tambor menor porém mais estreito e comprido que a zabumba – e triângulo), eles tocam xote, xaxado e baião (ressalta-se que o grupo possui músicas de autoria própria). Por tradição do grupo, o sanfoneiro sempre é chamado de Zabelê, assim como quem toca o tom tom é Meia Noite. O primeiro sanfoneiro era Zabelê, o segundo herdou seu nome, assim como o atual Meia Noite. Todos os outros nomes são aleatórios. A partir do momento em que alguns membros morrem ou saem do grupo, os nomes são passados adiante. Quem nomeia é Lampião.

A seleção de quem compõe o comando tampouco é aleatória. O cargo de Lampião é escolhido pela presidência da Associação. Os cangaceiros podem, de qualquer forma, se aplicar para ele. Definido Lampião, será ele quem escolherá o resto do comando. Isto apenas se houver cargos vagos. Caso contrário, qualquer um dos quatro membros do comando assume a posição até renunciá-la.

O segundo grupo é a Força Volante. Eles representam as tropas governamentais que perseguiram cangaceiros durante o século XX. Os *volantes* – como são chamados pelo grupo – não são nomeados de acordo com os volantes da época do cangaço. Utiliza-se a patente e o sobrenome próprios. Eles também possuem um comando, composto por um Capitão, Sargento, Tenente, Cabo e Sargento e Tenente femininas – 2016 foi o primeiro ano de volantes femininas no grupo -, seguindo a hierarquia militar. É o Capitão que escolhe seus subcomandantes. Eles também são responsáveis por designar funções aos seus comandados, que são todos Soldados.

Ambos os grupos confeccionam seus trajes. Eles seguem uma padronização. As vestes das volantes incluem bonés – boinas para o comando -, emblemas do estado da Bahia e da cidade de Paulo Afonso e a etiqueta de identificação de nome e patente. As vestes são marrom escuro, com um modelo muito semelhante ao atual modelo de vestimenta do exército brasileiro. Cada um adiciona os acessórios que quiser, mas obrigatoriamente devem ter punhais de madeira e armas – espingardas que eles mesmo



confeccionam, que podem ou não atirar balas de festim. Geralmente, os volantes adicionam cantis, cordas, punhais menores e canivetes.

Os cangaceiros se trajam de azul. Segundo um dos membros do grupo, o traje azul era utilizado por Lampião e seu bando quando entravam nas grandes cidades sem a pretensão de passarem despercebidos. Os trajes cáqui eram usados para as fugas pelo Nordeste, roupas comuns, utilizadas no dia a dia, entretanto, há uma troca durante os dias de carnaval: o azul torna-se o usual e o cáqui as trajes especiais do comando. Cada cangaceiro é responsável por decorar suas roupas. Obrigatório é o uso de um chapéu, um lenço no pescoço e uma alpercata ou sandália de couro, assim como o punhal de madeira. Não são todos que carregam armas, nem todos que carregam atiram. As mulheres utilizam saias ou vestidos e os homens camisas e calças. Os adornos são de toda sorte: chocalhos, cabaças, cordas, pistolas de madeira e de plástico, colares e anéis em abundância, pulseiras, rendas, cumbucas, cantis etc. Os chapéus são decorados a gosto, com fivelas, pedras falsas, rebites, medalhas de santos, cruzeiros, estrelas etc.

O carnaval segue um enredo. Existe um cronograma e um trajeto pré-determinados. Diferente do que era realizado nos primeiros anos do grupo, na década de 1950. Hoje, por questões legais, os cangaceiros devem informar às autoridades locais – prefeitura, Polícia Militar, Polícia Civil e para a 1ª Cia. De Infantaria do Exército - as ruas por onde passarão, os bairros que visitarão e onde pretendem, por exemplo, atirar balas de festim. Cangaceiros e volantes constituem trajetos diferentes, encontrando-se para combates combinados – entretanto, a animosidade crescente durante o carnaval, entre cangaceiros e volantes, geram exageros nos combates e, também, combates espontâneos. Ambos os grupos realizam paradas, também pré-determinadas, para comer e beber. Todo carnaval é regado a muita cerveja. Os locais de parada são chamados de *fazendas*, as pessoas que oferecem suas casas e cozinham para cangaceiros e volantes são chamadas de coiteiros (coito= abrigo), aqueles que abrigavam e davam cobertura aos cangaceiros durante suas andanças pelo Nordeste.

O primeiro dia da *brincadeira* é o *domingo do chapéu*, que acontece no domingo anterior ao domingo de carnaval. Neste dia, cangaceiros e volantes desfilam pelas ruas do centro – próximas à sede da Associação -, como uma prévia do carnaval. Passam pela



casa de finados cangaceiros – também fazem isto durante o carnaval -, homenageando seus nomes com canções. Cangaceiros usam apenas o chapéu neste dia, volantes se trajam por completo. Não há combates.

O segundo dia é o sábado de Zé Pereira (Zé Pereira é o nome de uma brincadeira carnavalesca de origem lusitana que deu o nome a este dia). Durante a tarde, cangaceiros e volantes vão para o *mato* colher *caatinga*. Caatinga são os arbustos que ambos os grupos colhem para colocar em volta das *barracas*. Cangaceiros e volantes se dividem, cada qual pega seus arbustos. No final, colocam tudo no mesmo caminhão – e, por incrível que pareça, conseguem saber qual *caatinga* é de quem -, e fazem um churrasco no mato. Apenas homens. A presença de mulheres é permitida, mas nenhuma comparece. Também não são todos os volantes e cangaceiros que comparecem, alguns são escalados e, então, a presença é obrigatória. Aqueles que quiserem ir, independente da escala, são bem vindos.

As *barracas* representam os acampamentos de cangaceiros e volantes pelo sertão. Ela “acontece” sempre no sábado à noite e é montada durante à tarde. Cangaceiros e volantes têm *barracas* próprias, onde recebem visitas diversas, de convidados a transeuntes. A *barraca* dura a noite inteira. É servido caldo de bode e cerveja. No final da noite, ambos os grupos matam um bode e, durante a madrugada, cozinham o caldo que será servido pela manhã. Na *barraca* dos cangaceiros – que geralmente é montada em alguma praça pública, com autorização prévia da prefeitura - não são todos que passam a noite, são escalados três ou quatro cangaceiros homens para passar a noite, cuidar da *barraca* e cozinhar o caldo. Na *barraca* dos volantes – que é na sede da Associação – todos pernoitam.

A partir da tarde de sábado, cangaceiros e volantes não se encontram mais, somente nos combates. Caso um cangaceiro ou volante “der sopa”, por assim dizer, perto do grupo adversário, pode ser preso e sofrer quaisquer penalidades que seus detentores lhe impuserem – desde se banhar em caldo de bode, ter a cara pintada por batom, como ingerir substâncias repugnantes. As prisões podem ou não ser combinadas entre os dois comandos.



O primeiro combate ocorre na manhã de domingo. Volantes marcham até a *barraca* dos cangaceiros, travam uma curta batalha e destroem a *barraca*. Cangaceiros, após este primeiro combate, seguem para a *barraca* dos volantes para também destruí-la.

Durante a segunda-feira de carnaval, cangaceiros e volantes desfilam pela cidade, parando em *fazendas* e batalhando entre si de duas a três vezes.

Na terça-feira de carnaval, último dia de *brincadeira*, cangaceiros e volantes, sempre ao final do dia e como fechamento/término da festa, apresentam para o público – população de Paulo Afonso – a *morte* de Lampião. A *morte* geralmente – com exceção dos anos em que Lampião era interpretado por Luiz Jr., professor de dança e coreógrafo – segue o enredo tal como concebido pelo fundador do grupo, o finado Guilherme Luiz dos Santos. Primeiro, entram os cangaceiros e apresentam brevemente um xaxado de pisada. Em seguida, todos os cangaceiros adormecem e, então, entram os volantes atirando. Os cangaceiros levantam-se e atiram também, travando em seguida uma batalha de punhal de madeira. Volantes matam todos os cangaceiros, sendo assassinados por último Lampião e Maria Bonita. Todas essas cenas não duram mais do que quinze minutos.

Na quarta-feira de Cinzas acontece uma reunião de cangaceiros e volantes onde são discutidas as faltas e os problemas durante o carnaval. Os cangaceiros se referem a este dia como o dia de *acerto de contas*. Podem ocorrer expulsões e suspensões, tudo a ser decidido pelos comandos e pelo presidente.

### **Abordagens ao objeto: como os cangaceiros de Paulo Afonso recortam o tempo?**

A partir das duas idas a campo e das anotações decorrentes destas viagens, nos carnavais de 2016 e 2017, uma questão se tornou latente: como esse grupo entende o cangaço? Qual o sentido que eles atribuem ao cangaço? Ele está no passado? Ele é rememorado no presente? É uma comemoração? Nenhuma dessas hipóteses pareceu suprir o que acontece de fato. Primeiro pelo fato de que a cidade de Paulo Afonso tem 59 anos de existência, enquanto município emancipado. E a sua população, a que acabou, por uma questão fluxa populacional, criando o município, vem de diferentes localidades



do sertão. A cidade em si não guarda uma ligação material com o cangaço. Nenhum dos fundadores ou membros do grupo de cangaceiros tem qualquer ligação com os eventos históricos. É claro, que de maneira geral, e isso permeia todo o nordeste, existe um caldo cultural, uma certa mitificação em torno de Lampião e seu bando (MARQUES, BROGNOLI & VILLELA, 1999)<sup>2</sup>. Podemos ver isso pelos inúmeros monumentos nas capitais, os comércios que fazem referência a este símbolo, as rotas turísticas, etc. É uma história conhecida. Mas curiosamente, por exemplo, dentre os primeiros membros dos Cangaceiros de Paulo Afonso, havia um senhor, que entrou menino para o grupo, que não conhecia a história de Lampião, sendo iniciado pelo grupo. Desta forma, não é possível fazer uma ligação direta com a memória. Nesse sentido, o grupo parece demandar uma memória para si e para a cidade. Atualmente, seus membros tem referências sobre o cangaço, mas são referências relativamente comuns, como filmes, alguns livros, etc. Alguns conhecem pessoas que contam “causos” e histórias da época, mas nenhum deles de fato guarda memórias dos eventos ocorridos, nesse sentido, não podemos entender a festa de carnaval como uma rememoração (RICOUER, 2007)<sup>3</sup>.

A impossibilidade de traçar uma relação material com o cangaço e, a forma como ele se apresenta na festa de carnaval, faz com que a questão da temporalidade salte aos olhos. Nesse sentido, um aspecto pareceu muito claro a partir das observações: não existe um limite claro entre realidade e ficção. Inclusive, esses termos não são adequados para discutir o que acontece. Isto porque realidade e ficção não se colocam como oposição na vivência do grupo. O que eles efetivamente levam a cabo e o que entendem por cangaço é algo totalmente diverso do sentido que nós, pesquisadores, atribuímos ao fenômeno.

Não significa dizer que eles fogem ao que foi consagrado pela historiografia sobre o tema. Uma evidência disto é a própria encenação da *morte*, que está de acordo com a

---

2

Ana Claudia Marques, nesta obra, aponta para o caráter nômade dos cangaceiros. Nesse sentido, pode-se depreender de que tal característica do fenômeno colaborou para que estas estórias e causos fossem espalhados pelo nordeste, principalmente na região da atual “Rota do cangaço” - sertão dos estados da Bahia, Pernambuco, Alagoas e Sergipe – onde se localiza Paulo Afonso.

3

De acordo com Paul Ricoeur, Rememorar é um ato que só pode ser realizado por aqueles que presenciaram os eventos, ato, portanto, que parte de uma memória dos fatos em si.





versão dos fatos que foi tida como “oficial”. A utilização dos nomes do cangaço é um exemplo bem evidente também. Um outro exemplo, um tanto controverso, são os próprios trajes de carnaval. As vestes de ambos os grupos – cangaceiros e volantes – fazem clara referência ao que era utilizado na época, utilizando signos reconhecíveis por qualquer um que conheça a história do cangaço. Entretanto, existe uma atualização nos dois trajes. A volante aproxima seu traje às vestes atuais do exército. Os cangaceiros adicionam adornos, que claramente seriam considerados excessivos na época do cangaço pois, em um contexto de fuga, quanto menos coisas se carregar mais viável a fuga. Contudo, os adornos demonstram uma das características que parecem atribuir ao cangaço, luxo, abundância, riqueza material. Dessa forma, existem múltiplas temporalidades que são colocadas em ação durante o carnaval, tanto o passado do cangaço – e aqui ressaltamos que ainda não sabemos qual o sentido que esse passado adquire pro grupo, que é o objeto de investigação dessa pesquisa de mestrado – como o tempo presente. Como dito acima, o cangaço, como um fenômeno conhecido por quase todo o nordeste, adquiriu, ao longo do tempo, diferentes interpretações. Para as cidades, povoados e populações diretamente afetadas pelo feitos de Lampião, o sentido do cangaço depende muito da natureza de suas ações (CLEMENTE, 2003)<sup>4</sup>. Entre os Cangaceiros de Paulo Afonso, esse sentido se divide em dois. Temos cangaceiros e volantes, o sentido do passado parece não ser um só.

A festa tem uma narrativa, com começo meio e fim e esse fim sempre é dado. Essa temporalidade narrativa do carnaval é bem rigorosa. Entretanto, a festa comporta o inesperado. E esse inesperado acontece, dentre alguns motivos, porque é muita gente e evidentemente esse não é um grupo de teatro profissional, tampouco um grupo de teatro. Segundo lugar, porque o caráter de festa e celebração tem um lugar muito importante. Dos dois anos em que acompanhamos o grupo, o inesperado sempre aconteceu. São nesses momentos em que foi possível captar alguns episódios que mostram como essa festa transcende seu planejamento, no sentido de que ela torna-se real. Real para eles. Um

---

4

Marcos Edílson de Araújo Clemente, em sua dissertação de mestrado, analisa a natureza das memórias do cangaço em cidades da Rota do Cangaço afetadas pelas ações de Lampião, entendendo-as como positivas ou negativas.



episódio notável aconteceu no carnaval de 2017, durante um festejo em uma das fazendas. Um intruso adentrou o local e começou a arranjar confusão com os cangaceiros. Evidentemente ele foi expulso, mas não apenas expulso, ele foi expulso aos berros do cangaceiro que interpreta Lampião gritando “EU SOU LAMPIÃO, SOU EU QUE MANDO AQUI”. O que isso significa para o rapaz expulso? Nada. Mas para o intérprete de Lampião claramente aquele foi um momento de empoderamento. Um momento em que ele transcendeu sua própria pessoa e adquiriu “aspecto” de Lampião. Esse episódio, e muitos outros, em que essas pequenas referências ao cangaço se tornam reais, mostram que a festa mistura o âmbito da representação e o cangaço efetivamente.

Nossa investigação nos levou a entender a festa não como uma comemoração, tampouco como uma re-encenação, mas como uma forma ritualizada do cangaço. E essa dimensão do real é um dos motivos pelos quais passamos a tratar a festa como um ritual, além da estrutura em si da festa, de uma narrativa com começo, meio e fim que começa e termina do mesmo modo, mas que em seu decorrer adquire um desenrolar próprio. Um ritual que evidentemente mistura o profano e o sagrado, que é dado pelas canções, pelas visitas aos finados, pelos momentos de confraternização nos festejos e, claramente pela extrapolação em relação aos papéis designados, a possibilidade de ser realmente cangaceiro e volante, de adquirir as características dessas figuras históricas.

A abordagem da festa como um ritual parte de algumas observações importantes. Primeiro, a temporalidade rigorosa que ela segue, rigor esse claramente é marcado pelo início e pelo fim<sup>5</sup> das festividades, onde o tempo cotidiano – ou comum – é suspenso e um tempo fora desse tempo se instala<sup>6</sup>. Essa é uma característica apontada por Leach (1974) que, de acordo com a escola durkheimniana, o festival, ou rito, é um momento de

---

5

Nos anos em que Lampião foi interpretado por Luiz Jr., as modificações na apresentação da morte foram rechaçadas por grande maioria dos cangaceiros e volantes. Tivemos a oportunidade de observar a repercussão dessa mudança no ano de 2016 e compará-la no ano de 2017 quando Luiz Jr. não mais interpretava o Rei do Cangaço.

6

Moacir Palmeira (2011) trabalha esse aspecto de suspensão temporal em um de seus ensaios, , onde identifica, em uma cidade no interior de Alagoas, o “tempo da política” como um tempo que ganha significado e uma ordem própria de socialidades a partir das eleições, um tempo excepcional – que é oposto ao tempo cotidiano, que se apresenta como um tempo “eterno”.





descontinuidade no tempo. A partir da ideia de Durkheim, de que “(...)Cada festival representa, (...), uma mudança temporária da ordem Normal-Profana da existência para a ordem Anormal-Sagrada e retroativamente.”(LEACH, 1974: 206), podemos também entender, que apesar de não adquirir estritamente um sentido sagrado, a possibilidade de tornar-se outra pessoa ou, como dito, de adquirir características das personagens interpretadas, é uma inversão do tempo cotidiano em um tempo mágico – na falta de um termo mais adequado, seguiremos com este. Nesse sentido, ressaltamos que, a festa em si possui uma temporalidade excepcional, mas seus “efeitos”, por assim dizer, seguem no cotidiano, como em missas fúnebres e outras celebrações<sup>7</sup>.

Segundo, a condensação de múltiplas temporalidades. O passado do cangaço tem seu lugar na festa de carnaval, ele não se coloca como uma história acabada, mas em relação com o presente. Ao mesmo tempo em que há atualizações, como colocado acima, elas não são simplesmente colocadas no tempo presente e, algumas, tampouco facilmente manipuláveis (MARQUES, 2013)<sup>8</sup>.

Como coloca Lévi-Strauss, é possível perceber nos ritos as múltiplas temporalidades que fazem parte do imaginário de dada comunidade(LÉVI-STRAUSS, 1997: 262)<sup>9</sup>. A possibilidade de abordagem do objeto, que se desenha a partir dessa ideia de Lévi-Strauss é a de que as múltiplas temporalidades, envolvidas a partir dessa

---

7

Um dos membros da volante, falecido em abril de 2017 foi velado e enterrado na sede da Associação dos Cangaceiros, acompanhado por o grupo de volantes e cangaceiros trajados. Foram dados tiros de festim no cemitério. Outro exemplo foi um casamento realizado também na sede, por ser o local onde o casal se conheceu, entretanto não estavam trajados neste dia.

8

Ana Claudia Marques em uma pesquisa dentre os povoados de Nazaré, Triunfo, Serra Talhada e Floresta, observou como determinadas relações de parentesco são vividas através do passado, sem que o presente manipule livremente o passado ou que o passado se estabeleça puro e simples no presente.

9

A partir da ideia de sociedade frias e quentes, sendo as frias aquelas que não possuem história cumulativa, onde as referências do passado por vezes retomam idades míticas – em oposição às sociedades quentes, aquelas que possuem uma noção cumulativa de história, como a sociedade europeia, por exemplo -, Lévi-Strauss entende que as relações dessas populações com essas temporalidades são com frequência explicitadas em diferentes formas ritualísticas – Lévi-Strauss especificamente aqui se refere a determinados povos da Austrália Central -, onde o direcionamento passado-presente, que aponta para um sistema sincro-diacrônico, varia de sentido conforme o tipo de rito.



invocação do cangaço, que conformam o pensamento dos Cangaceiros de Paulo Afonso, tornar-se-ão claras a partir da observação da festa.

Dessa forma, entender a festa de carnaval dos Cangaceiros de Paulo Afonso enquanto um ritual parece-nos a melhor abordagem para tratar das relações temporais ali constituídas e o sentido atribuído ao passado do cangaço.

### **Referências Bibliográficas**

CLEMENTE, Marcos Edilson de Araújo. *Lampiões Aceso: a Associação Folclórica e Comunitária dos Cangaceiros de Paulo Afonso, BA e os processos de constituição da memória coletiva do cangaço (1956 -1988)*. Dissertação de Mestrado apresentada ao Departamento de História do Instituto de Filosofia e Ciência Humanas da Unicamp, Campinas, 2003.

LEACH, Edmund. “Dois ensaios a respeito da representação simbólica do tempo”. In. *Repensando a Antropologia*. São Paulo: Perspectiva, 1974, pp. 191-210.

LÉVI-STRAUSS, Claude. *O pensamento selvagem*. Campinas: Editora Papyrus, 1997.

MARQUES, Ana Claudia, BROGNOLI, Felipe Faria & VILLELA, Jorge Luiz. *Andarilhos e Cangaceiros: A Arte de Produzir Território em Movimento*. Itajaí: Univali, 1999.

\_\_\_\_\_. Founders, ancestors and enemies. Memory, family, time and space in the Pernambuco Sertão. *Journal of the Royal Anthropological Institute*, 19(4), 2013, P. 716-733.

PALMEIRA, Moacir. Política e Tempo: nota exploratória. In: Mariza Peirano. (Org.). *O Dito e o Feito: Ensaio de Antropologia dos Rituais*. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001, v. , p. 171-17.

RICOUER, Paul. *A memória, a história, o esquecimento*. Campinas: Unicamp, 2007.